

MÚSICA / Yamandu Costa lança CD, com temas autorais, de Radamés Gnattali e de Raphael Rabello

Violonista, sim senhor

» MAÍRA DE DEUS BRITO

O novo álbum de Yamandu Costa, *Tocata à amizade*, surgiu de uma maneira inusitada. O violonista e compositor gaúcho estava no auditório do Museu do Louvre, em Paris, quando recebeu uma encomenda. O “produto” era uma peça que faria um panorama da música popular no Brasil. Assim, nasceu a *Impressões brasileiras*, suíte que abre o disco.

Acompanhado de Rogério Caetano (violão 7 cordas de aço), Luis Barcelos (bandolim de 10 cordas) e Alessandro “Bebê” Kramer, Yamandu (violão 7 cordas de nylon) celebra a produção e a diversidade nacional com choro-tango, valsa, frevo-canção e baionga. Os temas autorais *Negra bailarina* e *Boa viagem*, e de João Pernambuco (*Graúna*) completam o projeto, que conta com *Pedra do Leme*, composição pouco conhecida de Raphael Rabello e Toquinho.

“*Pedra do Leme* é um choro com tendências latinas. No fim da carreira, Raphael teve como referências o flamenco, entre outras sonoridades hispânicas. Também tenho essas influências e quis mostrá-las no CD”, diz Yamandu que, no início da carreira, foi muito comparado ao violonista fluminense. “Não me incomoda ser equiparado a ele. Na verdade é um privilégio. Raphael foi um artista de qualidade única, que sustentou a linguagem do choro e do samba em uma época que a música estrangeira era muito forte. Como disse certa vez o Hamilton de Holanda: ‘Ele foi o pai da nossa geração’”.

O diálogo entre erudito e o popular é representado pela suíte *Retratos, de Radamés Gnattali*, que faz um tributo aos gênios Pixinguinha, Ernesto Nazareth, Anacleto de Medeiros e Chiquinha Gonzaga. “As supostas diferenças entre as duas escolas (erudito e popular) foram conceitualizadas pela mídia. Elas não existem: as vertentes se comunicam e bebem uma na fonte da outra”, dispara. “Sou um músico de formação popular. Porém, cheguei os a um ponto em que busquei outras linguagens e é aí, por exemplo, que o erudito entra no repertório”.

Isabela Kassow/Divulgação



Yamandu (D) teve o auxílio luxoso de Alessandro Kramer, Luis Barcelos e Rogério Caetano no novo disco



TOCATA À AMIZADE

Disco do violonista Yamandu Costa. Lançamento: Biscoito Fino. 12 faixas, produzidas por Yamandu e Rogério Caetano. Preço médio: R\$ 29,90. ★★

www.correiobraziliense.com.br
Confira vídeos com sucessos de Yamandu Costa.

Clube do Choro

Yamandu Costa nasceu em janeiro de 1980, em Passo Fundo (RS). Aos 4 anos já cantava e, aos 7, começou a estudar violão. Curiosamente, a primeira apresentação do artista fora da

O disco nasce a partir da suíte *Impressões brasileiras*, encomendada lá em Paris. Como é a recepção da música instrumental no Brasil e no exterior?

Cada lugar tem seu ponto positivo e negativo. O público europeu tem uma curiosidade de ouvir o que não conhece e tem muito respeito pela arte. Já o frescor dos brasileiros não existe na Europa. Estamos melhorando a relação com a música instrumental. Sou otimista em relação a isso.

Para você, quem são os nomes de destaque da música instrumental brasileira?

Nunca faltaram bons artistas e o cenário está cada vez mais

região Sul foi no Clube do Choro de Brasília. “É a casa madrinha da minha carreira. Foi o Armandinho Macedo quem convenceu o Reco do Bando-lim a me levar para lá. É um ambiente raro, compromissado e com um projeto para se

forte. Há um violonista de Piraicaba muito bom: Alessandro Penezzi. Do Sergipe, cito Mestrinho do Acordeon. Luis Barcelos, que está no CD, também é incrível. Na verdade, todos os músicos que convidei para participar do *Tocata à amizade* são destaques em seus instrumentos.

Em agosto do ano passado você fraturou o osso escafoide do punho da mão direita e passou por uma cirurgia. Está 100% recuperado?

Fui ao médico, fiz os últimos exames e a última sessão de fisioterapia. Estou mais que 100%. Não parei de compor, nem de produzir, mas precisei cancelar alguns shows. Foi um

aplaudir de pé”, elogia.

Ao saber que o clube homenageará o músico Dominginhos (1941-2013) na série de shows deste ano, o violonista comemora: “É um tributo mais do que merecido. Dominginhos era um assí-

susto que, no fim, foi positivo. Aprendi bastante com o episódio e, hoje, dou mais valor ao tocar e viver de música.

Quais são os projetos para 2015?

Vou gravar mais três discos neste ano. Um trabalho solo e outros com Alessandro Penezzi e Paulo César Pinheiro. No último, também canto. A primeira coisa que fiz na vida foi cantar, então, não é algo desconfortável para mim. Não tenho nenhuma pretensão de virar cantor. Estou fora de forma, mas vou me concentrar para dar o meu melhor. Afinal, é uma honra poder trabalhar ao lado de Paulo César Pinheiro.

duo frequentador do local. Ele foi um grande músico e tinha um grande coração. Durante as gravações dos nossos projetos (*Yamandu + Dominginhos* e *Lado B*), recebi aulas de generosidade. Ele faz muita falta”.